

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 4, 1984

Páginas 169 - 199

Uma Trajetória: Almada Negreiros

ou

Almada Negreiros: Uma Trajetória

ou

Vice-Versa

Carlos Eduardo Schmidt Capella

Unicamp

"HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR"

"A HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR foi es escrita para ser espalhada por todas as partes, depois de julgada por todos os Portugueses.

Está em francês, porque foi assim que ensinei aos estrangeiros a Raça onde nasci.

Sejam quais forem os Portugueses, todos podem julgar a minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR. Se houver entre Portugueses quem não tenha uma iniciação literária, tanto melhor, para poder julgar o que eu quis escrever por Nós todos.

Mas, inesperadamente, (porque os Portugueses nunca se denunciam na maneira de melhor servir a sua terra), dois Portugueses acabam de provar que eles serão o melhor júri da minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR.

Esses dois Portugueses chamam-se Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A eles dois venho pedir para que me digam se a minha HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR deve ser, na

verdade, espalhada por todas as partes ou rasgada para sempre, comigo próprio.

Aguardo de joelhos, a sua resposta, com a HISTOIRE DU PORTUGAL PAR COEUR sobre o meu peito, onde guardo quotidianamente a ambição que não cedo a ninguém -de querer ser eu o melhor de todos os Portugueses!

Lisboa - Abril de 1922

TEJO, lombada do meu poema aberto

em páginas

'de Sol'¹

Le Portugal se trouve là-bas, dans un endroit du Sud-Ouest de l'Europe le plus éloigné de Paris.

Le Portugal est le dernier coeur Européen avant la Mer.

Nous avons notre Soleil National Portugais qui fait grandir les pastèques et qui rend les femmes belles comme des pommes et les hommes durs comme des mâts.

Nous avons tous les fleuves dont nous avons besoin. Le Taje en est le plus grand; il est né en Espagne, comme d'autres, mais il n'a pas voulu y rester.

Nous avons aussi des petits chevaux d'ancienne race méridionale, tâchetés comme des vaches et qui n'ont jamais eu de pareil. Ils se pronèment après le diner, tout fièrs d'être Portugais.

Nous avons aussi des vendeuses de poisson qui vont dans les rues comme les bateaux sur Mer.

- Elles ont le goût du sel. Dans leur paniers elles portent la Mer.

Elles se marient avec les pêcheurs qui ont

des têtes d'Océan et pantalons bleu-marin.
(Au bout d'une dizaine d'années cela fait
une dizaine de petits matelots tout neufs!)

Le dimanche on va déjeuner sur l'herbe pour
voir notre Soleil National Portugais faire gran-
dir les pastèques au tour de petits maisons
blanchies où l'on fait encore des Portugais.
Les femmes du Portugal sont les seules qui
sachent faire des Portugais!

Le dimanche on cherche une Marie pour se
marier. Tous les mariages commencent par
un Dimanche!

Moi aussi, j'aime une Maria! Je voudrais bien
que ce soit la Mienne: je trouve qu'Elle est la
plus jolie et Elle crois que je suis le plus intel-
ligent!

Nous nous marierons, tout le monde le dit!

TEJO, lombada do meu poema aberto
em páginas
'de Sol'

Notre premier Roi fut un géant. On dit que,
de ce fait, il fut Roi.

Dans une guerre contre les sarrasins, notre
1^{er} Roi perdit tous ses soldats. Il resta seul
en combat contre tous les sarrasins.
Notre-Seigneur Jésus-Christ vint à son aide
et tous les deux ont gagné la guerre contre tous
les sarrasins.
Ceci est raconté en héraldique par le drapeau
Portugais.

Au moyen-âge, où l'on a beaucoup pensé, le
Roi Jean Premier, dit celui de Bonne Renommée, s'est marié
(avec le consentement du peuple portugais) à une très
jolie dame Anglaise laquelle acoucha de 4 des plus grands
Portugais:

Un SAINT, un ROI, un HERO et un SAGE.

Celui-ci fut grand mathématicien. Il fit de la mathématique dans un temps où il fallait encore inventer de la mathématique.

Il choisit un endroit dans le midi du Portugal, tout contre la Mer -pour déchiffrer la Mer! C'est là l'endroit du Portugal le plus éloigné de Paris!

Et tout ceci se passait dans un temps où la Mer avait de terribles serpents dans la tête des marins.

Ce sage prince dessinait jour et nuit le mappemonde. Quand ce fut fait, il fit bâtir des vaisseaux et des vaisseaux, pour qu'ils allassent répéter sur Mer les lignes au crayon qu'il avait tracées sur son mappemonde.

Les vaisseaux sont partis, et quand les vaisseaux revinrent, les lignes au crayon que le Sage avait tracées sur son mappemonde, étaient exactement vraies! elles avaient été parfaitement bien imaginées!

Depuis ce jour, l'Europe commença à devenir bien plus grand que sur la carte.

Un autre Portugais fait, le premier, le tour du monde, tout comme l'oleil fait de rond le l'orange.

Sur terre aussi, nous avons été très grandes.
Guillaume Apollinaire connut un Portugais,
Dom Pedro d'Alfarrobeira qui est revenu de
son 7^{eme} voyage.

"Avec ses quatre dromadaires courut le
monde et l'admira. Il fit ce que je voulais
faire si j'avait quatre dromadaires"
dit Guillaume Apollinaire sur ce Portugais-là.

Un jour, Dom Sebastião, notre Roi le plus
jeune, notre plus beau Roi, rassembla toute
la jeunesse Portugaise pour accomplir la
grande Victoire.

Mais Dieu garda cette Victoire, en atten-
dant... en attendant demain... en attendant
toujours demain...

...Nous attendant, nous autres, les Portugais d'aujourd'hui!

Escrito em Paris em 7 de Abril de 1919²"

"... numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place clichy -umbigo₃do mundo- descobriu, deslumbrado, a sua própria terra."³

"... A Arte não vive sem a Pátria do artista, aprendi eu isto para sempre no estrangeiro. As nossas pátrias eram diferentes. E escrevi nestes dias a minha querida "Histoire du Portugal par Coeur". Foi então que eu vi que a Arte tinha uma política, uma pátria, e que o seu sentido universal existia intimamente ligado a cada país da terra."⁴

De maneira alguma o propósito maior é forçar qualquer comparação menos refletida; essa mesclagem de textos de diferentes autores, espaços e épocas, apenas um "clack"/"sugestão" a que não resisti, não deve, pelo menos a princípio, ser muito levada a sério. Não, ainda não.

Todavia, já que já misturados Almadas e Prados sobre Oswaldos, brasileiros e portugueses, modernismos e modernismos, inexitem graves porquês para que se deixe de lado pequenas observações que podem muito bem se revelar úteis conforme o desenrolar deste estudo.

Uma das verdades, que se escondem aí por detrás, mas não só, é que os movimentos de vanguarda surgidos nos países periféricos, em relação aos mais desenvol-

vidos tanto sócio-econômico-etc como culturalmente, beberam, na maioria das vezes, das mesmas fontes (dentro destas vanguardas alguns autores mereceriam observações mais particularizadas, senão que todos mereçam-nas; o caso de Fernando Álvaro Ricardo e outros Pessoa de Campos Reis , já que estamos pensando principalmente no modernismo português, seria um dos mais típicos). Assim é que tanto o Brasil como Portugal buscaram, através de alguns pioneiros felizes viajantes, notadamente nas vanguardas francesa e italiana, as suas mais importantes fontes de alimentação. Dessa forma -tratando-se de periferia, é claro -, por meio daquela quase lendária maneira de satisfazer aos seus anseios/necessidades internas, ou seja, importando, os dois países procuraram se colocar no mesmo nível dos exportadores (pelo menos culturalmente, ressalte-se). Era necessário, concluindo, pelo menos de saída, conseguir a aclimação daquelas "modernidades todas" nos respectivos terreiros onde ainda imperava a arte oitocentista: um decadentista e um parnasianismo marmóreo, a grosso modo.

Contudo, como as mais das vezes acontece, o deslocamento/importação para "periferia" de novos processos e idéias estéticas provoca um choque duplo: tanto nos tradicionalistas/passadistas, como nos próprios importadores.

Nos primeiros um escandalizar-se, puro , retrógrado e simples. Nos segundos um preocupar-se em tingir com as cores locais as novidades conseguidas. Aqui podemos muito bem lembrar a autoridade de estudioso de

Antônio Cândido e da sua famosa "dialética do localismo e do cosmopolitismo"⁵, que aponta para aquela "tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como formas da expressão)"⁶.

É claro que aí estou mais a falar de características do modernismo brasileiro.⁷ Um pouco contraditório, talvez, mas vamos com calma. E é claro que o que temos até agora são simplificações um tanto quanto impuras. A intenção volta-se mais para o entendimento, pelo menos, das condições da época.

Mas o que mais importa, com este paralelo, é que, independentemente da existência ou não dessa mencionada dialética no plano português, o modernismo de lá enfrentou problemas semelhantes aos encontrados pelos brasileiros: uma sociedade inculta e analfabeta, um passado reinante e estabilizado, uma economia notadamente dependente da produção agrária (apesar do surto "industrialista" particular de São Paulo). Assim, tanto cá como lá, as estratégias de assimilação e propagação das idéias e processos vanguardistas serão levadas de maneira pelo menos parecida.

E podemos voltar os olhos para o descobrir, "deslumbrado, a sua própria terra" de Paulo Prado referindo-se a Oswald de Andrade e para o "a Arte não vive sem a Pátria do artista" do próprio Almada Negreiros: a estética vanguardista se verá utilizada, tanto por um como pelo outro, para o cantar de suas terras (mas não só): uma afir

mação cultural (evitando os ataques dos passadistas) e uma re-interpretação das tradições locais, sempre a visar a entrada dos seus respectivos países no concerto das nações culturalmente "desenvolvidas".

Talvez aí o melhor caminho para alguma suposta ligação Almada/modernistas/modernismo brasileiro.

(Devo confessar que pensar o movimento moderno português, pelo menos nos seus primeiros passos, meio que paralelamente ao brasileiro, é em muito causado pela notável carência de informações que nós, estudantes, podemos obter sobre, especificamente (aqui), a história de todo o processo de implantação do modernismo na nossa ex-metrópole (sic!). Mas essa "analogia" deve ficar por aqui. Não é interessante ir se arriscando num terreno, pelo menos por mim, pouco verificado).

Até agora, ainda que um pouco prolongada, tudo o que foi escrito não passa de uma introdução: é necessário, pois que para se entender a produção almadiana temos que forçosamente situá-la em seu tempo e espaço.

Almada Negreiros se orienta, nos anos mais próximos à sua estréia como artista, por um sólido sentimento de lusitanismo. Não um lusitanismo restrito à pátria, localista, mas sim que tem como objetivo maior a integração de Portugal num quadro mais rico que é o Europeu. É um nacionalismo não exclusivista, não um fechar fronteiras e buscar soluções pela força, mas sim abri-las

e ir de encontro à moderna civilização européia: "por is so éramos portugueses sem sermos nacionalistas (a geração de "Orpheu"), nem regionalistas, nem indigenistas."⁸ E tal orientação tem como ponto de partida o homem português contemporâneo, o homem comum, e passa daí para a coletividade portuguesa, à "unidade peninsular ibérica"⁹, européia e universal. De um humanismo a um coletivismo, sem desprezo algum em relação ao primeiro:

"O respeito por cada uma das pessoas humanas é a única ligação que teremos no diálogo das gerações e no encontro da humanidade com a própria humanidade."¹⁰

E é justamente a partir do indivíduo português, deste indivíduo diluído pelo imobilismo que caracterizava o país, renovado social e culturalmente que se dará a integração; pois:

"São as possibilidades individuais portuguesas o que falta sobretudo em Portugal."¹¹

Enfim, foram estas as duas características mais importantes de "Orpheu": "portuguesa e européia".¹² E, nas palavras do próprio autor, as de Almada.

Porém, antes de buscar aquela integração européia, quiçá universal, é preciso reerguer o homem português, botá-lo a par do seu tempo.

Dessa forma, o voltar de olhos à nação se reveste como que de um sentido programático: "de querer ser eu o melhor de todos os Portugueses"¹³, de forçar a Raça Portuguesa a "nascer pro século em que vive a terra."¹⁴

De fato, como é bem possível notar na própria "Histoire du Portugal par Coeur", temos, ao lado de um lírico lusitanismo, que se dirige principalmente à terra portuguesa, riquezas, um discurso crítico que vai diretamente de encontro àquela passividade e resignação com que a coletividade portuguesa, saboreando os feitos dos antepassados, vive o momento presente:

"... Nous attendant, nous autres, les Portugais d'aujourd'hui"¹⁵

Consequência deste estado de estagnação geral, e particularmente cultural, são estes versos escritos em 1931¹⁶:

"...É fado nosso
é nacional
não há portugueses
há Portugal..."¹⁷

O país, fisicamente, vive o século XX. Está nele. Mas não a nação, a sociedade:

"Há vinte e seis anos quase feitos que nós estamos em pleno século XX! Nós? Quem? Portugal? Não. Portugal não. Nós estamos com efeito no século XX apenas pelo fato de fazermos parte da humanidade actual, mas não pela razão de termos nascido em Portugal."¹⁸

Alcançar a humanidade moderna. Esta será a principal luta de Almada Negreiros:

"logo me sinto tão atrasado
no que devo a eternidade
que começo a empurrar pra diante o tempo
e empurro-o, empurro-o à bruta
como empurra um atrasado..."¹⁹

empurrar "pra diante o tempo" em que vive o atrasado: a coletividade portuguesa.

Urge mostrar a existência de um novo tempo, novos processos, novas idéias, novos costumes: incutir em Portugal um modo moderno de ser, de ser-se. Mas nessa batalha pelo reconhecimento da modernidade há também lugar para o clássico: "como independentes e modernistas, defendíamos o clássico..."²⁰

Todavia, o ambiente cultural não é nada acolhedor em relação aos pioneiros da nova época. Por que:

"Com uma herança literária e artística bastante desorientadora sobretudo para os se iniciavam nas letras e nas artes; uma herança literária e artística resumida aos talentos isolados de um período manifestadamente decadente; num meio hostil, congestionado de realidades políticas que tiranizavam exclusivísticamente todo o país; num desinteresse máximo e nacional pelas coisas chamadas do espírito; tais foram os primeiros dias que couberam por sorte aos desta geração."²¹

Assim, mesmo respeitando o clássico, as tradições e o passado glorioso devem ser olhados com cuidado; devem ser preservados, ser motivo de orgulho, mas

não mistificados, cultuados ao máximo; atitudes que fatalmente levariam àquele imobilismo conformatório:

"A tradição, o único valor positivo da tradição é o de servir com os seus exemplos históricos a iniciativa individual dos actuais de uma mesma civilização. A descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama mais do que a Portugal pertence ao século XV. O feito ficou exactamente no século XV. Bem pouco seria para o Portugal de hoje apenas o orgulho de ter-nos pertencido há cinco séculos esta descoberta, se não fosse o exemplo legado a todos e especialmente a nós por Vasco da Gama."²²

As viagens marítimas relativizadas, patrimônio, agora, da humanidade. Integrados, como Almada Negreiros quer a nação, terra e homens, no espírito do continente.

Não importando quais sejam, todos os obstáculos devem ser atacados na empreitada almadiana. Quer ser o melhor dos portugueses, sentir "a força para não ter, como vós outros, a cobardia de deixar apodrecer a pátria."²³

A mesma pena que canta liricamente a ingenuidade das paisagens portuguesas sabe tornar-se ferina em relação aos inimigos da modernidade. A "Cena do Ódio" é um contínuo escárnio em relação à nação oficial, políticos, burgueses, todos estes senhores empenhados em suas lutas pelo poder ou atrás das suas mesquinhas satisfações pessoais. O mesmo desprezo que tem para com os

agentes do passadismo tradicionalista, aqueles que se nutrem dos mesmismos imóveis da arte e da história, os inimigos do modernismo vanguardista:

"Portugal que com todos estes senhores conseguiu a classificação do país mais atrasado da Europa e de todo o Mundo! O país mais selvagem de todas as Áfricas! O exílio dos degredados e dos indiferentes! A África reclusa dos europeus! O entulho das desvantagens e dos sobejos! Portugal inteiro há de abrir os olhos um dia -se é que a sua cegueira não é incurável e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de aseado!"²⁴

A redenção do país que só virá após um abrir de olhos para o presente. Presente europeu, mas que é, para Portugal, um futuro necessário.

Sendo Almada um espírito inquieto e ávido por quaisquer novidades que cheirassem à modernidade, não é de admirar que abraçasse ferrenhamente o futurismo italiano de Marinetti. E essa sua incursão futurista é que o levará, sempre em nome da sua luta pelo reerguimento/ressurgimento da raça decaída e pelo soterramento em definitivo das velhas tradições e fórmulas, a fazer a apologia da guerra enquanto instrumento eficaz de encaminhamento à modernidade. Porque, afinal, "no 'front' está concentrada toda a Europa, portanto a Civilização actual"²⁵, e "é a guerra que acorda todo o espírito de criação e de construção assassinando todo o sentimentalismo saudosista e regressivo"²⁶, "que liquida a diploma

cia e arruína todas as proporções do valor acadêmico, todas as convenções de arte e de sociedade explicando toda a miséria que havia por debaixo"²⁷ e "Portugal é um país de fracos. Portugal é um país decadente"²⁸.

Dessa forma, por meio da guerra, Almada via condições para o renascimento da nação integrada no século XX, século da velocidade, do objetivismo, do "heroísmo moderno"²⁹, "porque os poetas portugueses só cantam a tradição histórica e não a sabem distinguir da tradição-pátria. Isto é: os poetas portugueses têm a inspiração na história e são portanto absolutamente insensíveis às expressões do heroísmo moderno. Donde resulta toda a impotência para criação do novo sentido da pátria"³⁰, "porque o sentimento-síntese do povo português é a saudade e a saudade é uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes. ... A saudade prejudica a raça tanto no seu sentido atávico porque é decadência, como pelo seu sentido adquirido porque definha e estiola"³¹.

Este fascínio inicial que o toma³², graças àquela arrogância pouco crítica em espalhar as novidades por todas as direções da rosa-dos-ventos, é que o leva a posições extremistas que, muito marinettinamente, exalam um forte odor de fascismo, serão revistas à luz dos acontecimentos posteriores na Europa e no mundo.

Na verdade, seria bastante estranho, para o caso de Almada Negreiros, um autor sempre a enxergar poucos pontos de contato entre arte e política (modo de ver as coisas um pouco ingênuo, com certeza), ele ter pen

sado, além à própria guerra, numa saída de direita, fas
cista, para a situação em que se encontrava Portugal. Pois
"Arte e Política não estão feitas para colaborar uma com
a outra, e o único encontro possível de ambas é nos re
sultados das suas ações particulares, ao produzir-se a
presença de uma ou de outra na vida da humanidade."³³ E
referindo-se a "Orpheu": "era exclusivamente literário,
que não tinha o menos vislumbre político."³⁴

E mais, ainda: "acho admirável a política
para os políticos, mas penso honrada e convictamente que
o artista deve não sair do próprio do seu campo, bem mais
vasto e concreto este, afinal, do que o do político."³⁵

E será exatamente a politização crescente
do futurismo que fará com que ele o condene, mais tarde,
criticamente: "O 'futurismo' é essencialmente político"³⁶,
e seus adeptos mais leais "vão intervir directa e imedia
tamente nas suas respectivas colectividades."³⁷ E, pen
sando em Marinetti e no destino para o qual se encaminhou
o futurismo: "O que se passou? Apenas isso: o primeiro
Marinetti já tinha nada a ver com o Marinetti II. A vitó
ria (política, do fascínio na Itália)... pertence ao
Marinetti II, àquele que já não tem absolutamente nada
que ver com o revolucionário de Arte."³⁸ E dá a sentença
final, após comparar cubismo e futurismo e verificar o
câra^{ter} apolítico e artístico em essência do primeiro em
relação ao segundo: "Afinal, os Cubistas tinham razão!"³⁹

De qualquer maneira, é do contato com fu
turismo e cubismo que surgirão, com "Litoral" e "Mima-Fa

táxa", textos poéticos de composição livre, solta, quase que versos/idéias justapostos sem maiores ligações sintáticas (constelação), culminando num grafismo sempre cultuado por Almada Negreiros.

Mas não sô preocupado em demonstrar e atacar criticamente a situação de atraso em que vivia a coletividade portuguesa andou Almada Negreiros. A produção poética também era uma arma poderosa para revelar as conquistas estéticas do mundo moderno. Assim é que ele cultiva um gênero que se propagou principalmente a partir do surrealismo francês (de quem Rimbaud, que se distingue pela utilização magistral do mesmo, é um dos grandes precursores), o poema em prosa. Almada pode ser considerado como "o primeiro grande mestre do poema em prosa moderno"⁴⁰ na literatura portuguesa. Seus "Frisos" aparecem já em 1915, no nº 1 do "Orpheu". São textos curtos, dotados de um lirismo ingênuo, profundamente românticos, "visualizados e mimados por pinceladas breves."⁴¹ A "Canção da Saudade", entre eles, caracteriza-se por um profundo sentir da incapacidade e solidão humanas, uma linguagem leve, mas certa, contrastando com o sentimento de angústia com que o texto nos marca:

"Se eu fosse cego amava toda a gente.

Não é por ti que dormes em meus braços que sinto amor. Eu amo a minha irmã gêmea que nasceu sem vida, e amo-a a fantasiá-la na minha idade.

"Tu, meu amor, que nome é o teu? Dize onde vives, dize onde moras, dize se vives ou se já nasceste.

Eu amo aquela mão branca dependurada na

amurada da galé que partia em busca de outras galés perdi
das em mares longíssimos.

Eu amo um sorriso que julgo ter visto em
luz do fim-do-dia por entre as gentes apressadas.

Eu amo aquelas mulheres formosas que indi
ferentes passaram a meu lado e nunca mais os meus olhos
pararam nelas.

Eu amo os cemitérios -as lâgens são espes
sas vidraças transparentes, e eu vejo deitadas em leitos
floridos virgens nuas, mulheres belas rindo-se para mim.

Eu amo a noite, porque na luz fugida as si
lhuetas indecisas das mulheres são como as silhuetas inde
cisas das mulheres que vivem em meus sonhos. Eu amo a lua
do lado que eu nunca vi.

Se eu fosse cego amava toda a gente."⁴²

A solidão do poeta no mundo lúgubre das im
possibilidades.

Também n'"A Invenção do Dia Claro" Almada
cultivará este gênero poético. Aí, todavia, aquele liris
mos até romântico de "Frisos" será substituído por uma
maior objetividade na linguagem. A carga lírica diminui
em favor de uma precisão na narração mesma, mas mantendo
se aquela ingenuidade sempre presente na poesia almadiana.
Ou, conforme Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, textos
"em que (se) tenta recuperar uma ingenuidade mítica e in
fantil."⁴³

Sendo Almada Negreiros, como já vimos, um
autor preocupado, e muito, com a integração de Portugal à
Europa e ao século XX, vale a pena verificarmos, na sua
obra, a presença recorrente das varinas, as vendedoras de
peixes, e o papel emblemático que elas podem ali ter. Alma

da inclusive dedica-lhes um poema, "A Varina"⁴⁴:

"Lá na Ribeira Nova
onde nasce Lisboa inteira
na manhã de cada dia
há uma varina
e se não fosse ela
ai não sei
não sei que seria de mim!
Por ela
fiz dois versos a todas as varinas:
E vós varinas que sabeis a sal
e trazeis o mar no vosso avental!
Acho parecidos estes versos
com as varinas de Portugal.

Uma vez falei-lhe
para ouvi-la
e vê-la
ao pé.
A voz saborosa
os olhos de variar
castanhos-escuros de variar
com reflexos de variar
desde a rosa
até ao verde
desde o verde
até ao mar.

Num reflexo reflecti:
não dar aquele destino⁴⁵
ao meu destino aqui."

A figura quase mítica destas mulheres, que aparecem amiúde na obra de Almada Negreiros, pode sugerir maiores atenções. Vejamos.

Elas são vendedoras de peixes; logo, o iti

nerário que cumprem, a cada novo dia, é do mar à terra. Interiorização; elas que trazem o sal e o mar em seus aventais, os peixes em suas cestas. Cumpridoras fiéis deste percurso mar/terra, podem muito bem ser vistas como elementos de ligação, "contacto", entres estas duas realidades.

Mas já sabemos que Almada a todo tempo está a pensar na situação presente do país, imobilismo, passadismo tradicionalista. É justamente essa a situação que combate. E as mais arraigadas dessas tradições passadistas dizem respeito aos mares: os descobrimentos, caminho para as Índias e por aí. Em resumo, é o glorificar imobilizante deste passado marítimo o que mais tem o poder de "frear" a sociedade portuguesa no seu encontrar-se com o presente moderno.

Está-se no século XX. E a nação portuguesa nada mais tem a ver com aquela do passado de glórias cantadas pela literatura. Vítima de uma política caduca em exploração extrativista pura e simples nas colônias, não pode mais fazer frente às nações europeias já industrializadas ⁴⁶ A coletividade tem, portanto, que voltar os olhos para o seu próprio território, à terra mesma. A maior riqueza local é a exploração agrária, produção que garante a sobrevivência do estado.

E, de acordo com Almada Negreiros, Portugal necessita realmente debruçar-se sobre si (não radicalmente, é claro): sua terra, sua gente, deve voltar a ter o sentido de coletividade. Depois encontrar-se com o século XX.

Dessa forma, as varinas, emblematicamente, cujos olhos até carregam reflexos desde o rosa até o verde (as cores nacionais, praticamente) e até ao mar (a tradição), seriam a ponte de ligação entre passado e presente, do mar à terra, da tradição à realidade crua: seu itinerário. Do mesmo modo, elas simbolizam o buscar ao oceano, ao passado marítimo, as riquezas que alimentarão o país. Papel este que pode apontar duas direções fortemente antagônicas entre si: ou a resignação, contemplação (que não se traduza em ação) "orgulhesca" do passado quase mítico, ou como que uma "devoração antropofágica" deste passado e dos seus personagens conseguindo daí forças para encarar o desafio presente/futuro.

E o poeta não quer para si este destino (o presente) que as vendedoras apontam. Isso porque ele é quase uma voz solitária na multidão (vários poemas tratarão deste tema), bem como o presente português, palpável, não tende para uma reforma que pelo menos acene com a busca da época em que vive a humanidade (particularmente a européia). O presente real, que é o ponto final de todo o itinerário das varinas, foi, para o poeta, mal interpretado pela sua sociedade: é a primeira daquelas duas alternativas apontadas acima.

Assim, na obra almadiana, estas mulheres estão presentes, além de razões de apelo poético (pelas figuras, uma das "raças mais belas"⁴⁷), como espécies de símbolo/síntese do estado nacional.

Apenas sugestão...

Durante esta sua cruzada por tentar trazer ("empurrar") Portugal ao tempo moderno em que (para ele) vive a civilização, muitas vezes Almada sente-se solitário (este é um dos grandes temas de Almada, infelizmente impossível de ser por mim abordado aqui, mas que me seduz) Muitas vezes a incompreensão quase generalizada, em relação aos seus projetos, magoa-o ("As Quatro Manhãs", por exemplo). E é este sentimento de mágoa que irá caracterizar uma segunda fase na carreira poética de Almada Negreiros. Ao contrário da primeira, uma virulência e uma ferinidade agressivas contra todo e qualquer inimigo do espírito moderno e artístico, um lirismo empreendedor e sempre com o nariz levantado e voltado para o futuro, esta segunda fase mostrará principalmente o descontentamento que o poeta sente com o destino para o qual tende a se encaminhar a nação portuguesa, bem como uma grande melancolia fruto de seu isolamento num espaço retrógrado e radical.

De fato. Todas as suas lutas não vão surtindo o efeito desejado. Portugal continua isolado, ainda se mantém o "país mais atrasado da Europa"⁴⁸, "um estado a formar-se"⁴⁹, "uma sociedade inculta"⁵⁰, com "um povo novamente (ainda) à procura de sua dinâmica própria."⁵¹

E ao lado deste manter-se no mesmo nível, desde os tempos heróicos do "Orpheu" e do ferrenho futurismo, Almada tende a se desgostar com os rumos que a política interna portuguesa vai tomando (outro fator que poderia lhe trazer, da mesma forma, desgostos, talvez fosse o aproximamento Arte/Política, algo que o autor não supor

tava; mas faltam-me elementos para penetrar neste campo mais a fundo; fica a sugestão). Em 1932 instala-se Salazar no poder, onde ficará praticamente até a década de 70.

A princípio colocando-se "contra a "corrupção" e a "degradação" da república parlamentar"⁵² e propondo um longo programa de realizações internas, o que levou a apoiá-lo os mais diversos setores da sociedade portuguesa, logo a ditadura auto-denomina-se "Estado-Novo" (o paralelismo é inevitável e irrefletido) e desbanca para a direita e o fascismo. A partir daí, com a organização de aparelhos repressivos a liberdade individual do homem português é castrada. "As conseqüências últimas de um sistema de censura... foram disciplinar autores, jornalistas, empresários e todos aqueles relacionados com os meios de transmissão às massas, e obrigá-los a uma auto-censura permanente"⁵³, a fim de evitarem que a sua produção fosse constantemente dificultada e mutilada."⁵⁴ E ainda que "a censura não se aplicasse aos livros, estes podiam ser... frequentemente retirados do mercado por ordem das autoridades. Neste caso, tanto autores como editores podiam estar sujeitos a castigo. De novo, uma repressão desse tipo visava matérias tanto políticas como apolíticas. Jornais e livros estrangeiros podiam igualmente ser confiscados ou impedidos de entrar no País."⁵⁵

Com Portugal tendo a sua vida social tão controlada pelo Estado, dificilmente o ideal de Almada Negreiros, de ver um dia a nação, a partir do indivíduo

português mais rico, integrada na civilização europeia do século XX, viu-se seriamente abalado (ao mesmo tempo, não seria demais ousado pensar numa decepção do poeta com os próprios rumos que tomava a civilização como um todo, blocos antagônicos, nacionalismos fanáticos: "Horrores só tenho um: o da cegueira, o do fanatismo, o do histerismo da sinceridade, estes mesmo que às vezes se parecem com os casos de fé!"⁵⁶, guerras quentes e frias, etc).

E a poesia se vê modificada. Já não se trata mais de salvar a nado o poema que canta Portugal⁵⁷.

"...

E aqui me tendes hoje
incapaz de não amar a todos
um por um
que todos são meus e me pertencem
e por isso mesmo lhes não perdoo faltas de amor!
Mas por que maldição me não entendem
se eu os entendo a todos?
Eu sei, eu sei porquê:
Falta-lhes a eles terem, como eu, a correr-lhes
 pelas veias todos os sangues da terra.
A lei é clara: ninguém ama senão os seus.
E os meus são os de todos os sangues da terra
mas, ó maldição que pesa sobre mim,
cada um dos sangues da terra não me inclui entre
 os seus!"⁵⁸

O projeto caído. A nação e a humanidade não devolve o esforço de entendimento que o poeta lhes dá. Falta o universalismo, ironicamente a razão do isolamento. Falta-lhes o amor, humanismo.

Neste sentido, "Homem Transportando o Ca
dáver de uma Mulher":

"Quis-te tanto que gostei de mim!
Tu eras a que não serás sem mim!
Vivias de eu viver em ti
e mataste a vida que te dei
por não seres como eu te queria.
Eu vivia em ti o que em ti eu via.
E aquela que não será sem mim
tu viste-a como eu
e talvez para ti também
a única mulher que eu ví!"⁵⁹

pode ser entendido como uma declaração de amor tardia em
relação à Pátria-Mulher, traidora.

Mas em meio à mágoa e desgosto o poeta,
ainda que se auto-iludindo, suplica à "Esperança" para
que ela pelo menos o engane, deixe-o enxergar um futuro
que não se lhe apresenta, que o permita viver com esta
última posse que lhe resta:

"Esperança:
isto de sonhar bom para diante
eu fi-lo perfeitamente.
Para diante tudo foi bom
bom de verdade
bem feito de sonho
podia segui-lo como realidade.

Esperança:
isto de sonhar bom para diante
eu sei-o de cor.

Até reparo que tenho só esperança
nada mais do que esperança
pura esperança
esperança verdadeira
que engana
e promete
e só promete.
Esperança:
pobre mãe louca
que quer pôr o filho morto de pé?

Esperança
único que eu tenho
não me deixes sem nada
promete
engana
engano que seja
engana
não me deixes sozinho
esperança."60

O futuro do sonho. A solidão do presente.

E é "De 1 a 65", poema escrito quando o poeta contava 65 anos, e publicado quando com 66, que resumirá, meio autobiograficamente, toda a sua trajetória ao mesmo tempo que esparramará pelos ares toda a esperança que move o poeta, toda a sua fé em si mesmo, através da arte:

"Nasci d'asas
Com asas
Cortaram-me as guias
De pé no chão
Vieram os filhos
Cortaram-me os pés
Cresceram as asas
Sei só voar

Sem pé em terra
Sem pé no ar
Tenho pé no ar
Filhos d'asas
Sabe voar"⁶¹

Finalizando. A modernidade em Almada poeta reside precisamente nesta busca incessante da modernidade. Tanto para a sua arte como para a coletividade.

"O poeta está sempre sô, ou seja, com a humanidade, com a humanidade inteira, desde o princípio até ao fim do mundo."⁶² Acreditando nela, sempre, universal, com "ingenuidade".

NOTAS

1. Grifado, no original.
2. ALMADA NEGREIROS, José de; Obras Completas nº 4, Poesia, Lisboa, Editorial Estampa Ltda, 1971. pp.101 a 105.
3. PRADO, Paulo; "Prefácio à Poesia Pau-Brasil", in Obras Completas de Oswald de Andrade, Poesias Reunidas, R.J., Ed. Civilização Brasileira, 5a. ed., 1978.
4. ALMADA NEGREIROS, José de; Obras Completas nº 6, Textos de Intervenção, Lisboa, Ed. Estampa, 1972, p. 64.
5. CÂNDIDO, Antonio; "Literatura e Cultura de 1900 a 1945", in Literatura e Sociedade, Cia. Editora Nacional, SP., 6a. ed. 1980. p.109

6. CÂNDIDO, Antonio; obra citada. p.110
7. A mencionada "dialética do localismo e do cosmopolitismo", no modernismo brasileiro, como podemos muito bem ver no próprio Antonio Cândido, se reveste de um nuançamento muito mais complexo e sutil que foge ao interesse mais imediato deste estudo.
8. ALMADA NEGREIROS, José de; Obras Completas n.º 5, Ensaaios I, Lisboa, Ed. Estampa, 1971. p. 25
9. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios I, p. 33
10. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios I, p. 34
11. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios I, p. 26
12. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios I, p. 27
13. "Histoire du Portugal par Coeur".
14. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.22
15. "Histoire du Portugal par Coeur".
16. Há um problema com relação às datas. O poema é apresentado como tendo sido escrito em 1931 na edição das Poesias de Almada Negreiros. Porém, nos Ensaaios, p.25, o próprio autor cita estes versos como tendo sido enviados da Espanha em 1928 por um colaborador de "Orpheu".
17. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, "Luís, o Poeta Salva a nado o Poema", p. 189
18. ALMADA NEGREIROS, José de: Textos de Intervenção, p. 53/54.

19. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, "Momento de Poesia", p. 199
20. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 18
21. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 17/18
22. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 42
23. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 31
24. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção.p.16
25. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção.p.32
26. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção.p.33
27. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção.p.33
28. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção.p.34
29. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção,p.34
30. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção,p.34
31. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção,p.34
- 35.
32. Do mesmo modo que Almada, "muitos intelectuais haviam demonstrado certa simpatia para com a Ditadura: Fernando Pessoa, por exemplo, aplaudiu abertamente a Revolução nos seus primeiros anos...", in, História de Portugal, vol. II, A.H. de Oliveiras Marques, Lisboa, Palas Ed., 1873.
33. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 45
34. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 24

35. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.189
36. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.119
37. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.119
38. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.189
39. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.193
40. RODRIGUES, Angela Varela; "O Poema em Prosa na Literatura Portuguesa", in Colóquio Letras, nº 56, Lisboa, junho 1980.
41. RODRIGUES, Angela Varela; texto citado, p.28
42. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, p. 46
43. SARAIVA, Antônio José e Lopes, Oscar; História da Literatura Portuguesa, Porto editora, S/d.
44. Em vários momentos, tanto na obra em prosa como na obra poética, aparece a figura das varinas.
45. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, p. 187
46. Com, e a partir de a segunda guerra mundial o país conhece um surto de incremento no seu parque industrial.
47. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.37
48. ALMADA NEGREIROS, José de; Textos de Intervenção, p.16
49. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaios, p. 39
50. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaios, p. 39
51. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaios, p. 39

52. OLIVEIRA MARQUES, A.H. de; História de Portugal, vol. II, Lisboa, Palas ed., 1973.
53. Aqui o autor coloca uma asterisco e acrescenta; "Tal acontece, neste momento, ao autor, que procura cuidadosamente escolher certas palavras e evitar certas outras..." Oliveira Marques, obra citada, p.300. Sem comentários...
54. OLIVEIRA MARQUES, Obra citada, p. 300
55. OLIVEIRA MARQUES, obra citada, p. 300/301
56. ALMADA NEGREIROS, Textos de Intervenção, p.194
57. "Luis, o Poeta Salva a Nado o Poema", Poesia, p. 189
58. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, pp. 219 a 220
59. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, p. 203
60. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, pp. 209/210
61. ALMADA NEGREIROS, José de; Poesia, p. 227
62. ALMADA NEGREIROS, José de; Ensaaios, p. 122

BIBLIOGRAFIA

- ALMADA NEGREIROS, José de; Obras Completas nº 4, Poesia, Lisboa, Editorial Estampa, 1971.
- , Obras Completas nº 5, Ensaaios I, Lisboa, Ed. Estampa, 1971.

ALMADA NEGREIROS, José de; Obras Completas nº 6, Textos de Intervenção, Lisboa, Ed. Estampa, 1972.

SARAIVA, Antônio José e Lopes, Oscar; História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, s/d.

ANDRADE, Oswald de; Poesias Reunidas, Obras Completas de Oswald de Andrade, R.J., Ed. Civilização Brasileira, 1978.

FIGUEIREDO, Fidelino de; História Literária de Portugal, R.J., Fundo de Cultura, s/d.

RODRIGUES, Angela Varela; "O Poema em Prosa na Literatura Portuguesa", in Colóquio Letras nº 56, 1980. Lisboa.

OLIVEIRA MARQUES, A.H. de; "História de Portugal, vol.II, Lisboa, Palas ed., 1973.

e textos de apoio...